

VÁRIA

Dissecção de um Negro de Moçambique (1)

Exponho, em breve nota, como nova contribuição para o estudo da anatomia das partes moles (não ósseas), o resumo protocolar de dissecção, seguido em tais casos, pelo «Comité International» de Investigação sôbre as partes moles (não ósseas) dos indígenas primitivos.

Em trabalho anterior, em colaboração com o sr. Prof. auxiliar Dr. Luís de Pina, estudei a morfologia anatómica de uma negra de Angola, seguindo a mesma orientação protocolar de dissecção; nesse relatório se faz menção da já vasta bibliografia das investigações e observações, sôbre tal assunto.

Os Professores Drs. Américo Pires de Lima, Joaquim Pires de Lima, Hernâni Monteiro e Constâncio Mascarenhas, em estudos raciais de indígenas do nosso Império Colonial; os Professores auxiliares Drs. Sousa Pereira, Álvaro Rodrigues e Luís de Pina, e os assistentes Drs. Melo Adrião e Lino Rodrigues, em trabalhos parciais de sistematização (nervos, músculos e vísceras), trilhando o caminho indicado pelo Comité orientador, representam entre nós a coorte de investigação anatómica das raças coloniais.

Com a presente comunicação, que supponho ser a 12.^a enviada ao dito Comité, junto apenas mais alguns dados de observação anatómica, como pedra auxiliar no monumento científico em construção.

O cadáver em questão foi dissecado pelos alunos da cadeira de Anatomia descritiva, srs. Andresen Leitão, Ventura Outeiro, Parry de Castro Henriques e Gui de Pina, aos quais agradeço o auxílio.

*
* * *

Em princípios do mês de Janeiro do ano corrente, ingressou no Instituto de Anatomia o cadáver de um negro moçambicano,

(1) 2.^a comunicação ao «Comité Internacional» de Investigação sôbre as partes moles (não ósseas) dos indígenas primitivos.

autopsiado a 31 de Dezembro do ano transacto no Instituto de Medicina Legal.

Tendo em consideração de que se trata de um autopsiado, não causará estranheza a omissão involuntária de determinadas constatações de ordem anatómica, impossíveis de realizar.

Fica assim incompleta e truncada a presente comunicação, como infelizmente já aconteceu à primeira, por análoga razão.

O Negro, natural de Lourenço Marques, de nome Joaquim Romano S., filho de José S., e de Maria Romano S., de 45 anos de idade, casado, *chauffeur* de profissão, falecera na Ilha das Pedreiras, n.º 45, desta cidade, vitimado por pneumonia fibrinosa aguda, segundo consta do relato de autópsia n.º 8:632 do Instituto de Medicina Legal.

De acentuados relevos musculares, o cadáver apresentava uma coloração pigmentar, intermédia entre o negro retinto e o mestiço escuro; fisionomia incaracterística, no sentido etnográfico.

Como dados subsidiários, foram colhidos:

Estatura: 1^m,78;

Perímetro bimamilar: 1^m,05;

Pêso: 49 kilos;

Sinal particular: tatuagem na região anterior do ante-braço, representando, em coloração débil, um desenho simples mas indecifrável.

Em resumo, apresentarei o protocolo de dissecação adoptado.

CABEÇA:

- 1.º Risorius de Santorini: bilateral, bem desenvolvido;
- 2.º Transverso do mento: atrofiado;
- 3.º Transverso da nuca: existe, medianamente desenvolvido;
- 4.º Parietó-epicraniano: vestígios;
- 5.º Auricular posterior: ausente.

PESCOÇO:

- 1.º Forma do omo-ioideu: ansa muito descida à direita; ausência de feixes acessórios;
- 2.º Esterno-clido-ioideu: normal.

TRONCO:

- 1.º Pre-esternal — ???;
- 2.º Grande peitoral (parte abdominal) — ???;
- 3.º Grande dentado: insere-se à esquerda, até à 9.ª costela; à direita — ???;
- 4.º Grande recto: inserção superior na 8.ª costela; duas.

interseções supra-umbilicais. Aponevrose vertical de separação muito desenvolvida;

- 5.º Grande recto (inserções costais) — 8.ª costela;
- 6.º Oblíquo externo — inserções sobre as 9 últimas costelas (12-4);
- 7.º Oblíquo interno — inserções sobre as 8.ª, 9.ª, 10.ª e em parte da 12.ª, passando sem se inserir, por sobre a 11.ª;
- 8.º Transverso do abdómem — ???;
- 9.º Piramidal — bilateral e igualmente bem desenvolvido.

DORSO:

- 1.º Trapézio — últimas inserções espinhosas sobre as 8.ª e 9.ª vértebras;
- 2.º Grande dorsal — inserções até à 5.ª apófise espinhosa;
- 3.º Grande dorsal — inserções costais sobre as 5 últimas costelas (à direita) e sobre as 6 últimas à esquerda;
- 4.º Dorso-epitrocliano: falta;
- 5.º Elevador da omoplata — (angular) — inserções até à apófise transversa da 4.ª vértebra cervical;
- 6.º Esplénio — inferiormente, inserções até à 6.ª apófise espinhosa dorsal, e em cima, até à metade inferior do tёрço superior do ligamento cervical posterior.

MEMBRO SUPERIOR:

- 1.º Bicipite braquial — dois feixes, sendo a longa porção muito atrofiada, nomeadamente à esquerda;
- 2.º Redondo pronador — feixe acessório coronoideu;
- 3.º Pequeno palmar — existe;
- 4.º Curto extensor do polegar; e
- 5.º Longo extensor do polegar — fusionados na sua inserção inferior;
- 6.º Lombicais — normais.

MEMBRO INFERIOR:

- 1.º Pequeno soas — reduzido a fibras isoladas e fracas;
- 2.º Piramidal da bacia — existe;
- 3.º Gémeos — à esquerda o interno desce mais 3,5 centim., à direita, 5 centim.;
- 4.º Plantar delgado — insere-se inferiormente na face ântero-externa do calcâneo;
- 5.º Flexor tibial — 4 tendões terminais;
- 6.º Flexor peronial — existe, normal;
- 7.º Peronial anterior — existe;
- 8.º Curto flexor comum dos dedos-normal.

VISCERAS:

- 1.º Abóbada palatina — 4 cristas transversais;
- 2.º Língua — papilas caliciformes, dispostas em U truncado;
- 3.º Comprimento do intestino delgado — ???;
- 4.º Apêndice — ???;
- 5.º Divertículo de Meckel — ???;
- 6.º Pêso do fígado (são?) — 2100 grs.;
- 7.º Pêso do baço (são?) — 100 grs.;
- 8.º Nariz: número de cornetos nasais — 3;
- 9.º Laringe: comprimento do ventrículo — ???;
- 10.º Glândula tiroideia — pêso — ???;
- 11.º Rins, bacinetes — ???;
- 12.º Pâncreas — pêso — 80 grs.;
- 13.º Encéfalo — pêso — 1220 grs.

ANGIOLOGIA:

- 1.º Pêso do coração — 350 grs.;
- 2.º Crossa da aorta e seus ramos — ???

Satisfeito assim o questionário protocolar, mencionarei apenas, como nota subsidiária, a existência, neste Negro, de formações de ósteo-calcificação, ou melhor de miosites ossificantes, bem acentuada ao nível do músculo bicipite esquerdo, e difusa e extensa no tecido célula-adiposo na região posterior da perna do mesmo lado.

Incrustada na aponevrose de revestimento da longa porção do m. bicipite esquerdo encontrei um nódulo, irregularmente circular, duro e resistente ao tacto, medindo cerca de 0,8 centim. de circunferência, e de aspecto vagamente morular; notei a coincidência topográfica da sua correspondência com a cicatrícula vacinal infero-externa, e a sequência explicativa de se tratar de presumível migração de tecido de esclerose cicatricial, através dos planos profundos.



Formação de ósteo-
-miosite do músculo
bicipite.

Exame mais cuidado e principalmente o auxílio do nosso Laboratório de Histologia normal, esclareceu o caso; a presença de zonas de calcificação, de fibras musculares e de retalhos de tecido de neo-organização óssea, indicam tratar-se de uma miosite ossificante, reproduzida em delineação mais esquemática na região posterior da perna.

É pois reduzido e pobre o estudo de variações musculares, e apenas a miosite ossificante reveste de certo interesse a presente comunicação; é apenas mais uma ligeira nota complementar do trabalho anterior, sobre idêntico assunto.

(Trabalho do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto — Subsidiado pela Junta de Educação Nacional).

Pôrto, 24 de Fevereiro de 1935.

ARMANDO LEÃO.

Exposição de Etnologia Sul-Africana

O Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto organizou ultimamente uma Exposição de Arqueologia e Etnologia Sul-Africanas, que foi inaugurada no dia 15 de Março com uma conferência elucidativa feita pelo Prof. Mendes Corrêa, director do referido Instituto. Dessa conferência a imprensa diária inseriu aproximadamente o seguinte resumo:

«Tendo pedido ao prof. Lídio Cipriani, de Florença, membro da missão científica italiana que percorreu há pouco a África, e ao prof. Raymond Dart, de Joanesburgo, a sua colaboração no Congresso de Antropologia Colonial que se realizou no Pôrto em Setembro último, o conferente obteve dos dois ilustres antropologistas um auxílio valioso. Simplesmente a maior parte da documentação por eles enviada não chegou a tempo de ser examinada no próprio Congresso ou apresentada na Exposição Colonial, o que não quer dizer que nas actas do Congresso deixem de ser publicadas, como merecem, as importantes memórias recebidas de Joanesburgo.

O prof. Cipriani é um jovem catedrático italiano, autor de trabalhos valiosos entre os quais se contam os relatos das suas recentes jornadas científicas em África. O prof. Dart é o director do Instituto de Anatomia da Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo, na União-Sul-Africana. O seu nome tornou-se célebre pela descoberta do «Australopithecus» de Taungs e por outros trabalhos científicos, tanto de anatomia como de arqueologia africana.

A comissão executiva do Congresso recebeu, por seu intermédio, comunicações dos seus colaboradores Lawrence Wells, miss Margaret Orford e York Mason, respectivamente sobre cerâmica, arte rupestre e ruínas arqueológicas sul-africanas, tendo

ainda vindo gráficos de outro seu colaborador, Alexander Galloway, sobre antropologia física dos Bochimanes. Outras memórias anunciadas sobre lingüística e música da mesma região e sobre relações desta com as colônias portuguesas não puderam ser elaboradas pela escassez de tempo em virtude da antecipação do Congresso. Mas o material recebido é já importante.

A documentação refere-se, em primeiro lugar, às ruínas da Rodésia meridional, sendo de destacar uma carta e muitas fotografias remetidas por York Mason e Cipriani. Essas ruínas, sem dúvida relacionadas com as antigas explorações mineiras naquela região aurífera, foram do conhecimento dos portugueses do século XVI como provam os testemunhos de João de Barros, Damião de Gois, e no princípio do século seguinte Fr. João dos Santos.

Isso não obsteu a que fossem modernamente dadas como descobertas no meado do século XIX por Mauch e Renders. Os nossos autores, como os árabes daquelas épocas e paragens, relacionavam-nas conjecturalmente com as riquezas bíblicas de Ofir, de Tarsis, de Salomão e da Rainha Sabá.

Modernamente, as referidas ruínas foram objecto de novos estudos, depois de lamentáveis vandalismos nelas praticados por uma empresa sul-africana na pesquiça de ouro.

As opiniões sobre a cronologia daqueles restos são divergentes, falando-se em influências exóticas muito remotas, mas predomina, sobre bases objectivas, o parecer de que, na maioria, são medievais, embora atribuíveis a uma população africana ou não africana de cultura superior à dos negros actuais daquela região.

A área daquelas ruínas ultrapassa mesmo a fronteira de Moçambique. Frobenius, por exemplo, fala das ruínas de Naimara em território português e, no entanto, um inquérito feito há pouco sobre o assunto pelo prof. Mendes Corrêa no território de Manica e Sofala e na Zambézia, junto de várias entidades destas regiões, foi, infelizmente, de resultados nulos, apesar de apoiado com decidida boa-vontade pela Companhia de Moçambique. Impõe-se a ida de uma missão arqueológica a esta colónia. O local de algumas ruínas da Rodésia tem nome português, por exemplo: — Penha Longa.

Outros documentos que figuram na Exposição, são decalques e moldes de arte rupestre do Transvaal ocidental que acompanham um trabalho de miss Margaret Orford sobre técnica das gravuras rupestres dessa região.

As pinturas e gravuras rupestres sul-africanas têm sido correntemente atribuídas sobretudo aos Bochimanes, tendo sido procuradas as suas relações com a arte europeia dos tempos prè-históricos.

Embora o prof. Dart tenha registado afinidades babilónicas e egípcias e os professores Frobenius e Breuil hajam falado de influências do Egipto predinástico e doutras nessa arte, não é possível dar como resolvidos todos os problemas cronológicos e etnológicos que se referem a estas manifestações artísticas, por vezes dum simbolismo misterioso.

Há, de-certo, entre elas, muitas que são prè-históricas, mas há-as também de data recente: Breuil viu numa dessas pinturas representado um carro boer. Seja como fôr, o assunto merece a atenção dos cientistas.

Ora, ainda pelo que respeita à arte rupestre, os resultados do inquérito acima referido, feito no território de Moçambique, foram negativos. Pois na Exposição figura uma ampliação fotográfica, mandada fazer pelo Instituto de Antropologia, duma pequena estampa, publicada há anos por Dart, de pinturas rupestres de Chilumbazi, na nossa Zambézia.

Foi um estrangeiro Weise, que as descobriu há alguns decénios e foi outro estrangeiro, Lechter, que primeiro as publicou num jornal da Rodésia. Em Portugal não há notícias disto!...

No domínio da Antropologia Física, a Exposição contém moldes faciais de indígenas de Moçambique (Batongas), moldes obtidos por Cipriani, ao realizar estudos antropológicos na nossa colónia, sobre a qual já um seu colaborador publicou um estudo craniológico. Mas estão expostos ainda os esquemas já referidos de Alexander Galloway sobre os Bochimanes-Hotentotes, essa curiosa raça humana, diferente dos negros, descoberta pelos portugueses em 1497, no cabo da Bôa Esperança e nas angras de Santa Helena e de S. Braz.

Felizmente, sobre antropologia física das nossas colónias há já uma bibliografia portuguesa recente, de certo vulto, embora haja muito a fazer. Na última Exposição Colonial, o Instituto de Antropologia do Pôrto e os seus colaboradores fizeram mais de 300 observações minuciosas de indígenas coloniais, aumentando assim a documentação já existente. Numa sala anexa à da presente Exposição sul-africana, pode ajuizar-se do esforço realizado em etnografia, prè-história e antropologia física colonial pelos elementos universitários portuenses e seus colaboradores.

Também se encontram em vitrines, na sala principal, livros de autores antigos e modernos, existentes na Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto e nos seus Institutos e que se referem à arqueologia sul-africana.

Organizando esta Exposição, o Instituto teve um duplo fim: — pôr, agradecidamente, em evidência, a contribuição prestada pelos ilustres cientistas estrangeiros que se ocuparam de proble-

mas de modo algum estranhos às nossas colónias e à história portuguesa, e chamar a atenção pública, especialmente da gente nova, para a insuficiência dos nossos esforços actuais no estudo de vários problemas científicos relativos ao nosso domínio colonial.

Os descendentes dos pioneiros dos séculos XV e XVI não podem resignar-se a que se continue a dizer com razão o que York Mason, no valioso trabalho, que enviou, sobre as ruínas de Rodésia, diz, a êsse respeito, de Moçambique, esperando os esclarecimentos que dali poderão emanar: — Moçambique por enquanto «is a closed book», é um livro fechado.

*

Eis a lista sumária dos documentos reünidos na Exposição:

Ruínas prè-portuguesas da África-do-Sul

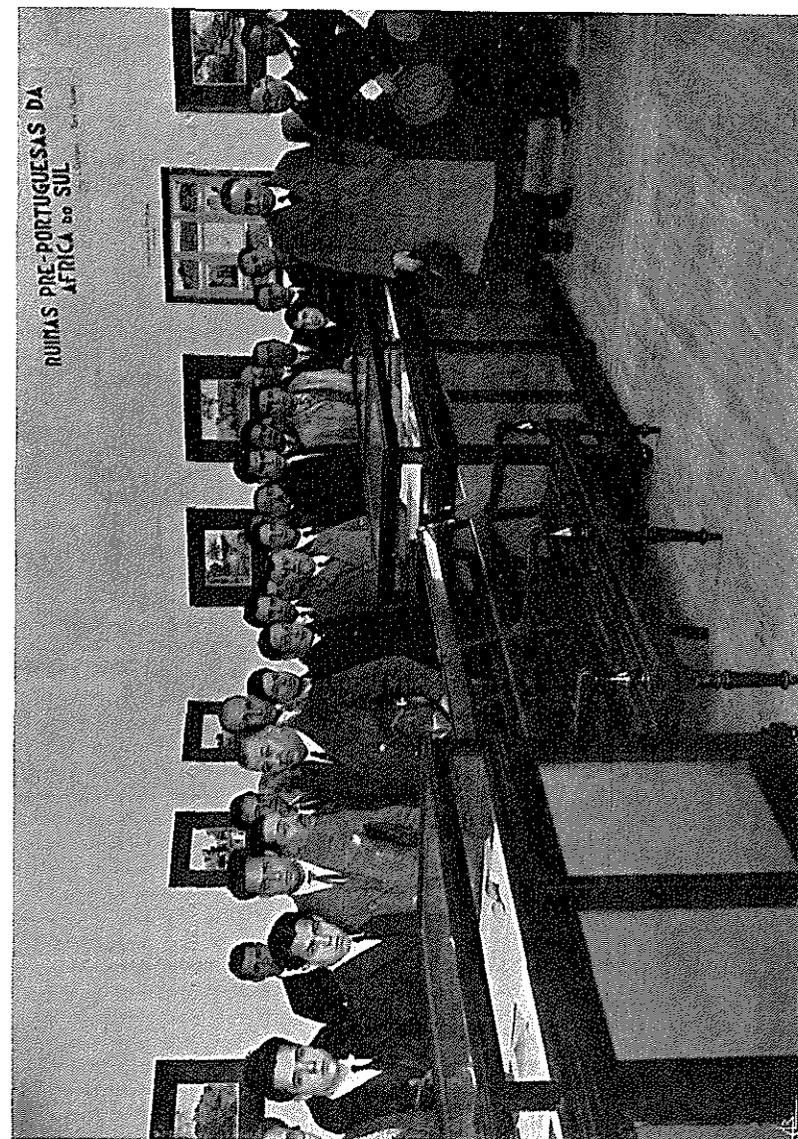
Fotografias de Lidio Cipriani:

1. Acrópole de Zimbábue;
2. Muralhas de Zimbábue ligadas com penedias;
3. Exterior da muralha principal de Zimbábue, com obeliscos e ornatos;
4. No interior das ruínas principais de Zimbábue: a tôrre cónica;
5. Uma das aberturas nos muros de Zimbábue;
6. Disposição defensiva numa passagem natural entre dois grandes penedos de granito;
7. Uma das muitas passagens estreitas dos muros de Zimbábue;
8. Ruínas de Dzata (território dos Bavenda, Transvaal septentrional), com obeliscos de basalto;
9. Aspecto dos muros de Dzata;
10. Abertura externa duma mina antiga.

Fotografias e mapa das ruínas da África do-Sul: estudo arqueológico de York Mason, de Joanesburgo:

Ruínas do sul do Transvaal:

11. Muro típico de recinto, mostrando a escala e o método de construção;
12. Encosta em terraços;
13. Cabana colmeia.



Na inauguração da Exposição Sul-Africana

Ruínas de Manica:

14. Abertura de tunel para a câmara central, mostrando a escala de construção;
15. Abertura externa de túnel de entrada numa câmara circular.

Ruínas de Zimbábue:

16. Entrada para o templo elítico, mostrando as extremidades arredondadas da muralha e os degraus;
17. Face N. E. do muro exterior do templo elítico;
18. Interior do templo elítico, voltado a S. E. mostrando a torre cônica;
19. Mapa da África-do-Sul que mostra a distribuição aproximada dos vários grupos de ruínas, com um mapa da costa oriental que indica as localizações estrangeiras medievais.

Bibliografia exposta:

20. *Livro de Duarte Barbosa* (acabado em 1516), edição da Academia das Ciências de 1812, exemplar da Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto (referências ao Benametapa e a Zimbaoche);
21. João de Barros — *Décadas da Ásia*, edição de 1628, exemplar da Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto (referências ao reinos de Butua e de Benomotapa, a Symbaoe e às ruínas de Toróa);
22. Damião de Gois — *Chronica del Rei Dom Emanuel*, edição de 1619, exemplar da Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto (referências aos reinos de Batua e Benomotapa e às ruínas);
23. Viagens de Duarte Lopes em 1578, versão francesa da edição latina de 1598 (referências ao reino de Monomotapa);
24. Fr. João dos Santos — *Ethiopia orientalis*, reprodução moderna da edição de 1609 (referências ao reino de Monomotapa, ao Zimbaoe e às ruínas de Fura);
25. Julião Quintinha — *Oiro africano*, 1929, (referências ao reino de Monomotapa, a Zimbaché e às ruínas da Cafraria);
26. G. Caton-Thomson — *The Zimbabwe culture*, Oxford, 1931;
27. Leo Frobenius — *Erythraea*, Berlin-Zurich, 1931, (referências às ruínas sul-africanas, menção das de Niamara, em Moçambique);
28. D. Livingstone — *Explorations dans l'intérieur de l'Afrique australe* (tradução francesa), Paris, 1859 (referências às ruínas de Zumbo);
29. A. York Mason — *The Penhalonga ruins, Southern Rhodesia* — «South African Journal of Science», vol. XXX, 1933;

30. Lidio Cipriani — *In Africa dal Capo al Cairo*, Firenze, 1932 (referências às ruínas de Zimbábue);

31. Lidio Cipriani — *Le antiche rovine e miniere della Rhodesia*, Firenze, 1932.

Arte rupestre sul-africana

(Estudo de Miss Margaret Orford)

Decalques :

32. Rinoceronte. Afrikaner Kop, Borworth Farm, Klerksdorp, Transvaal ocidental;

33. Girafa. Bushman's Kop, idem;

34. Zebra. Bushman's Kop, idem;

35. Cabra. Bushman's Kop, idem;

36. Figura humana (de significação fálica?). Schoeman's Kop, Rhebokfontein, Transvaal ocidental;

37. Lião (incompleto?). Shoeman's Kop, idem;

38. Cabra selvagem. Schoeman's Kop, idem;

39. Dois oryx. Schoeman's Kop, idem.

Moldes :

40. Avestruz. Bushman's Kop, Borworth Farm, Klerksdorp, Transvaal ocidental;

41. Rinoceronte atacando. Idem;

42. Avestruz. Idem;

43. Figura simbólica. Bloemfontein, Estado-Livre de Orange.

44. Figuras humanas. Schoeman's Kop, Rhebokfontein, Transvaal ocidental;

45. Gamo saltando. Ston's Kop, Christiania, Transvaal ocidental;

46. Mapa que mostra a distribuição aproximada das rochas com gravuras e pinturas na África-do-Sul;

47. Reprodução fotográfica das pinturas rupestres de Chifumbaze, na África Oriental Portuguesa, a N. do Zambeze e 165 milhas de Tete. Descoberta de Carl Weise e publicação de Owen Letcher.

Bibliografia :

48. Raymond A. Dart — *Rock engravings in Southern Africa and some clues to their significance and age*. «South African Journal of Sciences», t. XXVIII, Joanesburg, 1931;

49. Margaret Orford — *The rock engravings of the Western Transvaal* (inédito);

50. A. York Mason — *The problem of the stone structures in Southern Africa* (inédito);

51. Cartailhac et Breuil — *La Caverne d'Altamira*, Monaco, 1906. (L'Art des Primitifs Actuels).

Antropologia e Etnologia

52. Moldes faciais de negros de Moçambique, tirados pelo Prof. L. Cipriani;

53. Moldes faciais de Bochimanes-Hotentotes, tirados pelo Prof. L. Cipriani;

54. Molde de crânio de raça Hotentote, raça descoberta pelos portugueses no século XV (peça do Instituto).

Bibliografia :

55. Claudio Massari — *Crani del Mozambico*, «Archivio per l'Antrop. e l'Etnol.», vol. LXII, Firenze, 1932;

56. Alexander Galloway — Gráficos mostrando médias e variação de caracteres antropológicos de Bochimanes, Korana, Hotentotes e Strandlooper;

57. L. H. Wells — *South African Native Ceramics* (inédito).

Sala anexa

58. Retrato de Fonseca Cardoso, iniciador da Antropologia colonial portuguesa.

Documentários fotográficos :

59. Prof. L. Cipriani (Aspectos do S. de Angola);

60. Capitão Fonseca Cardoso (Quiocos, Luenas e Lutchazes);

61. Tenente-coronel Leite de Magalhães (Timor);

62 e 63. Capitão Santos Fonseca (Angola);

64. Prof. A. Pires de Lima (Moçambique);

65. Prof. Aarão de Lacerda (Arte negra);

66 e 67. Dr. F. Pires de Lima (Arte indígena de Moçambique);

68. Engenheiro Correia de Barros (costumes do Dundo, Lunda);

69 e 70. Desenhos etnográficos do tenente-coronel António de Azevedo;

71. Mapa parietal mostrando as populações das Colónias Portuguesas a que se referem estudos de Antropologia Física, publicados por investigadores do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, com indicação dos grupos estudados pelo mesmo Instituto na Exposição Colonial;

72. Quadro de fotografias e um mapa relativo aos estudos de prè-história colonial de Rui de Serpa Pinto;

73. Machado de silex do Dundo (Lunda), oferecido ao Instituto pelo Prof. Castro Portugal;

74. Machado de quartzo de Tomboco (Congo, Angola), oferecido pelo dr. Joaquim da Silveira;

Publicações de Antropologia Colonial do Instituto de Antropologia.

Peças etnográficas de Angola, Moçambique e Índia.

*

A Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, em sessão de 28 de Março, aprovou por unanimidade um voto de congratulação, proposto pelo académico sr. General Teixeira Botelho, por esta iniciativa do Instituto de Antropologia do Pôrto.

A Teologia e a origem do homem

Quando, no último número da nossa revista, sob o título que encima estas linhas, demos a sùmula duma oração de sapiência proferida pelo rev. dr. Joaquim Manoel Valente no Seminário do Pôrto, e fizemos algumas considerações sôbre a dita oração, visávamos expressamente dois objectivos: 1.º pôr os leitores dos «Trabalhos» ao facto das ideias dum professor de teologia dogmática sôbre a origem do homem; 2.º esclarecer a nossa posição relativamente ao transformismo, visto que, nalgumas passagens daquele discurso, ela não aparecia correspondente à realidade e era dada como ofensiva da religião.

Não supunhamos que o rev. P.º Valente entendesse necessário vir a público discutir as nossas considerações e defender-se da *acusação* de «irreductibilidade» que lhe fizemos. Mas o facto é que o erudito teólogo não ficou satisfeito, e, em separata do «Boletim da Diocese do Pôrto», recebemos 38 páginas impressas, da sua autoria, nas quais volta ao assunto.

Na verdade, se nêle e em nós houvesse o virus da discussão, o culto da dialéctica, ficaríamos, nestas matérias controvertidas, num eterno «dize tu, direi eu» que não adiantaria nada ao que julgamos enfim notório e é: que o rev. Valente se inclina para o fixismo, admitindo no entanto o «transformismo moderado», como hipótese, aliás «pouco provável»; e que nós adoptamos o «trans-

formismo moderado», considerando-o também uma hipótese, mas «fortemente verosímil» e de modo algum heterodoxa perante a teologia.

Razões das nossas atitudes: para o sr. P.º Valente, a revelação e as opiniões anti-transformistas de alguns sábios; para nós, dum lado o conhecimento duma multidão de factos cientificamente averiguados que é menos aceitável explicar por uma caprichosa e estranha convergência casual do que por uma lógica descendência, de outro lado também as opiniões transformistas de alguns teólogos e doutores da Igreja—embora estas opiniões possam, nos antigos, diferir do actual transformismo, como a antiga exegese bíblica (reconhece-o o sr. dr. Valente) difere das de hoje.

Quere dizer, o sr. dr. Valente argumenta com a teologia ou com a filosofia teológica, e acessoriamente—não sendo naturalista—com testemunhos indirectos e sumários de cientistas; nós argumentamos com os resultados dos estudos de biologia e com a filosofia científica, e, do mesmo modo, acessoriamente—não sendo teólogos—com as opiniões de teólogos, como Teilhard de Chardin, P.º Monchanin, etc.

Nunca nos propuzemos resolver, por nós mesmos e definitivamente, a questão da conformidade ou não conformidade entre o transformismo e as doutrinas da Igreja, embora desejássemos essa conformidade. Surpreende-nos assim que o sr. P.º Valente venha aludir à nossa competência... em matéria teológica. O título que demos ao nosso artigo, ao contrário do que escreve o rev. dr. Valente, não significa nada a tal respeito: apenas utilizamos uma parte do título do próprio trabalho do nosso amável contraditor. E fizemo-lo intencionalmente, porque o título dêsse trabalho era... muito longo, e afinal o que dêste nos interessava era o posição do problema das origens humanas perante a teologia, visto que sôbre a sua posição perante o transformismo e perante a filosofia científica, o digno sacerdote nos fará de-certo a justiça de supôr que sabemos alguma coisa...

O sr. P.º Valente, com todo o pêsso da sua categoria de professor de teologia, chamou-nos «temerário» e preconizou perante os seus ouvintes a doutrina de que o fixismo e a criação separada do homem, no corpo como na alma, são mais consentâneos com os princípios da Igreja do que qualquer doutrina salpicada de laivos heréticos do transformismo, mesmo do transformismo atenuado. Reagimos contra essa concepção tanto quanto no-lo permitia o conhecimento das opiniões de teólogos. Verificou-se a-final que o rev. Valente não é tão «irreductível» como nos apareceu na sua oração de sapiência. Realmente, quer S. Ex.ª o conteste quer não, Santo Agostinho e S. Gregório de Nissa não se podem dizer fixis-

tas, admitiam uma evolução, e, modernamente, sacerdotes eminentes não mostram perante o transformismo (que não exclua factos de criação ou mesmo uma constante acção divina através da evolução natural) a antipatia que o rev. Valente manifesta... ou manifestou.

O «limo» do Génesis, na formação do homem, aparece ao P.^e Teilhard de Chardin (*Études*, Paris, tomo 166, p. 577) como «um esforço prolongado da Terra inteira» e não como um pedaço de matéria amorfa. O mesmo ilustre sacerdote, embora reconhecendo as «dificuldades sérias» que o assunto ainda apresenta, entende que as opiniões transformistas, «familiares a S. Gregório de Nissa e Santo Agostinho, não devem desconcertar-nos». Pouco a pouco, diz, se conseguirá o acôrdo entre a ciência e o dogma, «sem regeitar de qualquer lado, o menor raio de luz», a menor parcela de elemento. «A Fé — conclui nobremente — precisa de toda a verdade!»

A seu turno, o P.^e Périer na *Revue Apologétique* (Paris, t. LX, p. 144), considerando manifesto o antropomorfismo da linguagem bíblica, declara que «não nos é vedado acreditar em que o trabalho do divino obreiro, incidiu sobre uma matéria já viva», porque «a transformação é menos considerável nesta hipótese, visto que o corpo animal se avizinha mais do corpo humano do que a matéria inerte».

Não insistamos. A causa está julgada. Comparem-se as reticências do sr. P.^e Valente ao nosso livro *Homo* com a largueza de ânimo com que um ilustre membro da Companhia de Jesus que é também um ilustre cientista, apreciou nas páginas insuspeitas da *Brotéria* (vol. V, 1927, p. 242) a 2.^a edição desse livro. Transcrevemos as últimas linhas dessa análise: «Para um católico, — conclue E. J. (o rev. Eugénio Jalhay) — poderão talvez ser tidas como menos exactas certas expressões do A., mas a elas não terei dúvida de aplicar, fazendo-as minhas, as palavras de P. Teilhard de Chardin, ao analisar na Revista *Études* (Março de 1921) a obra clássica de M. Boule: *Veullent les philosophes et les théologiens qui rencontreront ces phrases contestables ne pas se laisser impressionner par les mots, mais chercher à transposer dans un langage orthodoxe un enseignement dont les grandes lignes, sous un voile encore épais de conjectures et d'hypothèses, paraissent conformes à la réalité.*»

*

* *

O sr. dr. Valente não é naturalista, nós não somos teólogos. Ora, do mesmo modo que julgamos fóra do domínio da nossa

competência debater a questão dogmática e teológica, a exegese bíblica, etc., e apenas invocamos a tal respeito opiniões alheias, também supomos que o rev. Valente não pretende invadir com opiniões próprias o domínio científico. Os pareceres de cientistas em que se procura fundar, são respeitáveis em grande parte, mas nem são sempre susceptíveis da interpretação que lhes dá, nem algumas vezes valem tanto como factos objectivos que nos parecem mais concludentes...

Temos muita consideração por Sergi e Vialleton, por exemplo, mas não somos obrigados a partilhar as suas ideias sobre a evolução. Em vários trabalhos discutimos com elementos positivos as doutrinas de Sergi, mostrando a sua inverosimilhança. Para quê voltar ao assunto? Diremos apenas ao dr. Valente que o sábio italiano não é tão respeitador dos foros e da independência augusta do agrupamento humano que não procure em formas animais, como o *Propliopithecus* e o *Parapithecus* do oligoceno de Fayum, os representantes terciários daquele agrupamento...

O *Propliopithecus* — que teria o tamanho de dois palmos!? Quem conheça os trabalhos de Dubois e de Lapicque sobre as dimensões relativas do cérebro e do corpo nos Mamíferos e nas Aves, não poderá admitir um homem adulto com aquele tamanho, como não admite a verosimilhança dos pigmeus de Gulliver. Tais anões seriam quasi apenas cérebro!...

Mas sorri mais ao rev. Valente o poligenismo de Sergi do que o nosso transformismo moderado, monogenista? Não o cremos, porque o rev. Valente é, sem dúvida, monogenista. E já reparou o ilustrado sacerdote em que Sergi, em quem tanto se apoia, não invoca senão factores *naturais* nos processos formativos das espécies? Nos seus livros *I Mammiferi, Il posto dell'uomo nella natura, Problemi di scienza contemporanea*, etc., êle procura mostrar a origem marinha da vida e dos próprios Vertebrados, de todos os Vertebrados, descreve nebulosamente a embriogenia *formativa* das espécies, diferente da embriogénese individual, fala da matéria bio-química amorfa que daria todos os tipos biológicos em saltos que mais cabe classificar de «troppo acrobatici e perciò irrazionali» (as palavras que êle mesmo aplica ao modesto mutacionismo de De Vries), etc. etc. Pois não nos consta que se documente com «a letra» do Génesis para todos êsses paradoxos que, como já dissemos, não vamos agora discutir de novo.

Querida o sr. dr. Valente que desfiássemos aqui os factos? Mas a anatomia comparada e a paleontologia fornecem-nos um sem número dêles. Encontram-se nos livros modernos de Caullery, Guyénot, Labbé, Rabaud, Cuénot, Abel, Broom, Osborn, etc. Porém, as atitudes que alguns despertam nos próprios cientistas,

são diversas: destes uns falam em paralelismos, em coincidências, outros invocam relações genealógicas, para os explicar. Confessamos, por exemplo, que o grupo fóssil das Pteridospérmicas ou *Cycadofilicales* nos aparece, na Botânica, duma eloquência surpreendente e formidável para fundamentar o parentesco mais ou menos remoto entre as Pteridófitas e as Espermatófitas, a gradual aparição da flor. Pois alguns cientistas não encontram nesse grupo uma tal significação. Continuamos entretanto na nossa. O rev. Valente adoptaria de-certo o parecer destes especialistas...

O grupo dos Antropóides fósseis possui formas com alguns caracteres que, a nosso ver, como na opinião de tantos outros naturalistas, denunciam, senão relações genealógicas directas com o homem, pelo menos uma pluralidade de direcções evolutivas, entre as quais é *verosimil* ter aparecido a que conduziu ao homem, o que se depreende das afinidades *humanoides* de certos caracteres de alguns. Quere o sr. dr. Valente saber quais são estes caracteres: faça favor de lêr o nosso *Homo*, 2.^a edição, pp. 83, 88, 91, 95, 102, 103, 116, 117, etc.; pode lêr os trabalhos de Sera, Boule, Elliot Smith, Keith, Hrdlicka, etc., etc. Não há *uniformidade* de tendências em todos os caracteres? Mas, se houvesse, não estaríamos talvez aqui a discutir, porque a sentença teria de-certo passado já em julgado entre os cientistas. A ciência não é dogmática, e onde não tem a certeza sensível contenta-se com cautelosas hipóteses.

O simples título duma conferência do sábio paleontologista da Sorbonne, Prof. L. Joleaud, publicada no Boletim da Associação Francesa para o Avanço das Ciências (1932, p. 593) é bem expressivo. Intitulou-se esse trabalho: «*Os Primatas fósseis intermediários entre os Simios antropóides e os Homens*». Falando das descobertas do *Pithecanthropus*, do *Sinanthropus* e do *Eoanthropus*, o eminente paleontologista afirma que esses organismos «*viennent si naturellement combler la lacune séparant, dans le monde actuel, les Anthropoïdes des Hominiens, au milieu de la série des Primates.*»

Aqueles caracteres do *Pithecanthropus*, que são intermediários entre os do homem e os dos Antropóides, figuram em manuais e tratados de Antropologia, como figuram os que são mais humanos e os que são mais pitecoides. O *Sinanthropus* de Peiquim veio ainda trazer mais elos para esse encadeamento morfológico: os estudos de Davidson Black, do P.^e Teilhard, etc. o mostram sem hesitação. Note-se que esse encadeamento morfológico não nos parece cabalmente demonstrativo duma genealogia directa, mas é um índice perturbante, difficil de remover... Cada vez aparece menos fácil a separação estanque, nítida, entre os *Hominidae* e os

Primatas seus próximos vizinhos. Em que formas fósseis surgiu a linguagem articulada? Sabe-o o sr. dr. Valente? Nós não sabemos.

Reparou já o sr. dr. Valente no que escreveu Boule — cuja autoridade justificadoamente lhe merece o maior acatamento — sobre os caracteres do *Pithecanthropus*? Pedimos que releia: «Basta desde já afirmar o facto incontestável (*incontestável!* — está lá com todas as letras): a calote craniana do *Pithecanthropus* realiza verdadeiramente um intermediário morfológico ideal entre crânios de Simios Antropomorfos, como o Chimpanzé e o Gibão, e um crânio de Homem» (*Les hommes fossiles*, 2.^a ed., Paris, 1923, p. 25). E sobre o cérebro do homem de Neandertal? Se o sr. P.^e Valente leu essas páginas, é impossível que a origem animal do corpo humano lhe não tivesse aparecido à mente, mesmo de fuga, senão como uma evidência, pelo menos como uma presunção fortíssima. Só se o seu espírito se imobilizou, se estereotipou, numa fórmula arbitraria, cerrando definitivamente as portas, num mecanismo psíquico incompreensível, a qualquer nova evidência!...

Bem sabemos que intermediário morfológico não significa necessariamente intermediário genealógico! Mas o *Pithecanthropus*, o *Sinanthropus*, o *Australopithecus*, os homens de Mauer e de Neandertal, trazem testemunhos morfológicos tão impressionantes, através de tudo!... Numa casa praticou-se um crime cujo autor se ignora: succede que fôra visto, momentos depois, a sair furtivamente dessa casa um indivíduo extranho. Não há outros indícios. Que faz a polícia? Prende ou procura prender esse indivíduo. Porque êle é, necessariamente, o criminoso? Não, mas porque é natural que o seja, ou, pelo menos, que seja testemunha e possa esclarecer o caso. O rev. Valente, se fôsse comissário de polícia ou juiz de instrução, deixava-o fugir, pôr-se a bom recato. Que será preciso para que o estimável sacerdote prenda o *Pithecanthropus* como suspeito? Nem pelo mal que faz às suas ideias?

Concordamos em que a morfologia não basta para concluir definitivamente, se bem que muitas disposições comuns no homem e nos animais possam ser encaradas, senão como «prova directa» da evolução, pelo menos como tendo um valor probatório, análogo ao que pode ter em juizo uma série de fotografias, ou uma reconstituição cinematográfica dum crime, por exemplo. Da embriologia dizia o grande Brachet: «se a ontogénese não reproduz antepassados, testemunha em todo o caso a existência destes». A embriologia dos Tunicados é um argumento formidável em favor do transformismo, deem-lhe as voltas que derem.

Mas, a propósito de morfologia, concordemos mesmo com Sergi (aliás, acima de tudo, morfologista) em que «se tem atribuído à morfologia o primeiro lugar, à função o segundo, como

uma dependência» — numa inversão de valores. Vamos, pois, à fisiologia. Não são eloquentes as afinidades fisiológicas entre os homens e os animais? Não é favorável à tese do parentesco o estudo das reacções hemáticas? Não servem os animais de material de experiência para o estudo da fisiologia, da patologia, da terapêutica no homem?

No seu estudo *The evidence bearing on man's evolution* (Washington, 1928), o ilustre antropólogo americano Ales Hrdlicka chama a atenção para semelhanças do homem e de outros mamíferos no modo de concepção, no processo de desenvolvimento, no curso da vida, na senescência — e até na morte. Invoca semelhanças biológicas, semelhanças químicas, as analogias de todos os processos vitais, os soros, a opoterapia, outras afinidades glandulares, digestivas, circulatórias, etc. Apenas reconhece a superioridade humana nas mais altas manifestações mentais, porque na vida psíquica inferior ainda admite comunidade (instintos, medo, desejos, paixões animais)...

Negar o parentesco corporal entre o homem e os Primatas, negar a significação eloquente das analogias de processos biológicos fundamentais de seres inferiores até ao homem, não será, pois, negar uma verdade flagrante, não será uma cegueira obstinada e incompreensível, não constituirá uma ofensa à própria Razão humana? Analogias não significam necessariamente relações de filiação directa, mas tornam imensamente verosímil o parentesco. Este quer dizer origens comuns — longínquas ou próximas, mas comunidade de origens.

O rev. Valente julga-nos mutacionistas e invoca opiniões contrárias ao mutacionismo. Poderia juntar-lhes mais. O próprio Felix Le Dantec imaginava as mutações incidindo apenas sobre caracteres de segunda ordem ou «de ornamentação». Mas ninguém hoje pode duvidar de que *há mutações!* Provocam-se nos laboratórios. Ninguém hoje as nega, a sério, dentro da ciência. Podemos debater a sua extensão, o seu papel na génese de novas espécies (espécies biológicas — não as vagas espécies de que por vezes fala o rev. dr. Valente). Não se podendo já discutir se há ou não mutações, pode-se ser ou não mutacionista, isto é, explicar ou não por mutações a evolução.

No entanto, se à nossa vista há saltos pequenos no mundo vivo, há o direito de contestar *in limine* que nos milénios incontáveis dos tempos geológicos tenha havido saltos um pouco maiores?

A existência de soluções de continuidade, de lacunas, na sucessão das floras e das faunas, é perfeitamente explicável se atendermos às condições de formação dos estratos terrestres. Se essas lacunas não existissem e se os fósseis hoje conhecidos

representassem mais do que a ínfima fracção, que representam, das espécies que realmente teem vivido à superfície da Terra, talvez não se levantassem as dúvidas que alentam discussões como esta...

Continuamos a afirmar ao sr. dr. Valente que a maioria dos especialistas que se ocupam da paleontologia humana e da antropologia física, são *ainda* transformistas, e bem sabemos que assim é porque temos andado por Congressos e institutos científicos da especialidade, lêmos a bibliografia desta. «Está-se quasi universalmente de acôrdo sobre o facto de que o homem descende dum símio antropolídeo» — escreve R. Broom no seu recentíssimo livro *Les Origines de l'Homme*. E o mesmo autor admite «uma força inteligente a dominar a evolução». Isto não agrada ao rev. dr. Valente?

Muitos (não nós — que nunca o dissemos como opinião *nossa* nem na 1.^a edição do *Homo*) dão até o transformismo como *demonstrado*, o que, a nosso ver, está longe de ser exacto. A *moda* fixista voltará? Talvez; entretanto, contra o que o rev. dr. Valente insinua, ela não alterará os *factos* positivos da Biologia, as aquisições tidas como *certas* pela ciência, mas as interpretações dêsses factos, as *hipóteses* erigidas sobre êles. A variabilidade das orientações científicas não é um motivo para a ironia com que o culto teólogo se lhe refere, mas antes um motivo de respeito pela ciência, que honestamente reconhece as suas incertezas e, sem anquillosos, sem desânimo perante as dificuldades, sempre está pronta às revisões, a recomeçar... As incertezas da ciência — a qual, aliás, tem também certezas — não impedem que dela tenham já resultado benefícios incalculáveis para a humanidade.

Continuamos a afirmar que o que distingue os animais dos vegetais não são a motricidade e a sensibilidade nos primeiros, como dizia o rev. Valente. Há mais de 20 anos que professamos cursos superiores de biologia e nunca adoptamos nem vimos adoptado êsse critério distintivo. Também quando preguntámos ao rev. Valente qual era o seu critério de «superioridade» de caracteres físicos do homem, fizemo-lo por êle não aludir então aos caracteres relacionados com a vida psíquica. Na verdade, em que é, por exemplo, que o aparelho digestivo do homem é intrinsecamente «superior» ao de muitos animais?

Quando expuzemos a tríplice razão do nosso transformismo moderado, conjugamos intencionalmente elementos dos quais uns favoreciam o criacionismo, outros o transformismo, chegando assim a uma fórmula transaccional intermédia. Dizendo que as nossas razões a favor da criação não contrariavam o fixismo, o rev. P.^o Valente abriu uma porta aberta.

*

* *

Muitas outras passagens haveria a comentar ou sublinhar, mas basta-nos registrar que o sr. dr. Valente nos não apareceu no seu segundo artigo tão irreductível e apaixonado como no primeiro. Falando em «apaixonado», há de nos permitir dizer sem ofensa, que sorrimos ao ler as suas alusões à nossa «paixão» em favor do transformismo. Mas o certo é que nos felicitamos por ter provocado num professor de história dogmática declarações que tendem a estabelecer uma ponte de bom entendimento entre a ciência e a religião. Afinal o rev. Valente aceita uma exegese do Génesis conforme com a ciência moderna, considera-o uma história popular e reconhece que, escrito numa época distante da nossa, concebe certos factos duma maneira hoje inadmissível. Mas, diz, a sua finalidade é diferente da da ciência e o que nele importa não são aspectos episódicos, as causas segundas, não se devendo confundir inspiração com revelação.

Afinal, embora o rev. Valente a firme que a Teologia é também ciência, embora combata o «desprêzo» (que não perfilhamos) dos positivistas e de alguns cultores das ciências experimentais, pela filosofia, pela metafísica e pela revelação, embora repita a frase de Moreux, de que o facto da revelação é de ordem experimental (nesto ponto parece que surge uma confusão entre a análise «científica» da historicidade da revelação e o carácter estritamente científico que esta possua como método e fonte do conhecimento), embora nos acuse indevidamente de «relegar para segundo plano» a Teologia e a Filosofia (que estamos nós a fazer aqui senão filosofia sobre dados da ciência ou da fé?), embora diga que os cultores das ciências físicas possuem a tendência a não admitir outras verdades ou certezas que não sejam as fornecidas pela experiência e pela observação externa e sensível — é ele mesmo que reconhece que a teologia e a revelação se ocupam das causas primárias, e a ciência trata das causas segundas, e é ele mesmo que escreve que «a Bíblia e a ciência não têm o mesmo fim nem o mesmo objecto, e não usam o mesmo método».

Exactamente, sr. dr. Valente! O método do teólogo, a revelação, a fé, são diferentes do método que o cientista — *no domínio puro da Ciência* — segue. É legítimo ao cientista filosofar, procurar, sobre as verdades positivas, experimentais, ascender a problemas de ordem geral, à metafísica. Podemos ainda considerar esse esforço como científico, se bem que em geral conduza a hipóteses, não a conclusões demonstradas como um teorema. Não é

vedado também ao cientista procurar relacionar as verdades experimentais e essas hipóteses e explicações com os postulados que a fé religiosa impõe aos crentes, sem a necessidade e a possibilidade de demonstrações científicas. Está ele ainda no seu direito — e, por nós, entendemos que faz bem. Mas, ao entrarmos no domínio puro da fé religiosa, já não nos encontramos no campo estrito da ciência. Isto não quer dizer que não haja uma ciência, uma história, uma filosofia das religiões, temas que ocupam simultaneamente a atenção do cientista e do crente.

As atitudes, os processos de indagação, as preocupações, do teólogo — como teólogo — e do cientista — como cientista — é que se não confundem, embora o teólogo possa fazer ciência e o cientista possa colaborar na teologia.

A prova da diversidade dos dois domínios do pensamento dá-a afinal o próprio dr. Valente, quando mostra que até palavras do vocabulário habitual tomam sentidos diversos na boca de um cientista ou na boca dum teólogo. Não precisamos de deitar abaixo das estantes os dicionários consagrados e os compêndios mais autorizados de ciência para verificar a legitimidade semântica da nossa compreensão de termos como «temerário», «espécie», «sensibilidade», etc., que, fundado nos seus expositores, o rev. Valente entende de maneira diversa da nossa. Dir-se-ia que falamos linguagens diferentes. O caso de Lapparent, dizendo que, se tivesse de resumir em quarenta linhas, as aquisições mais autênticas da Geologia, copiaria o texto do Génesis, é simplesmente lamentável. Os seus notáveis tratados de Geologia e Geografia Física não autorizam a supôr que essa frase fôsse mais do que uma *boutade*, imprópria do sábio insigne que foi Lapparent. Nada nesses livros reproduz o esquema do Génesis. O próprio dr. Valente reconhece que o Génesis é uma «história popular» escrita para uma época em que se não sabia o que se sabe hoje! Ao dizer aquela frase, Lapparent esquecera tãda a geodinâmica, tãda a tectónica, tãda a estratigrafia, tãda a geologia moderna.

Pensando precisamente na referida variabilidade de acepções vocabulares e lembrando as incertezas de limites na interpretação de textos sagrados como o Génesis, onde, como diz o rev. Valente, o «dia» pode não significar «dia», e a distinção entre «águas superiores» e «águas inferiores» pode não corresponder a distinção nenhuma, nós encerramos, pela nossa parte, esta discussão côrtez e desapaixonada com aquele sacerdote, registando com prazer que o mesmo sacerdote reconheceu: não ser adverso à Religião o «transformismo moderado»; não ser este necessariamente materialista e mecanicista; haver um transformismo dos padres da Igreja a que é simpática a «Criação evolutiva»; não poder o

Génesis ser entendido à letra em face das aquisições científicas de hoje; não saberem ao certo os teólogos qual o «limo» empregado por Deus para formar o homem; ter o transformismo dado um grande impulso ao progresso da ciência; enfim não ser profunda a nossa discordância.

Felicitemo-nos por ter provocado estas afirmações que mostram não ser afinal comnôco que se entendiam as palavras com que o sr. dr. Valente justificava a escôlha do assunto para a sua «oração de sapiência».

O prolongamento dêste debate não se explicaria, pois, da nossa parte. Limitamo-nos a afirmar ainda a nossa convicção sincera de que o acôrdo, a conciliação, são possíveis entre a Religião e a Ciência, desde que teólogos e cientistas se concedam mútua-mente: 1.º que a revelação é o reconhecimento indefinido — mas certo —, não demonstrado cientificamente — mas seguro —, duma Realidade essencial, formidável, magnífica, imensa, que escapa aos meios limitados da análise sensorial mas que se nos impõe à razão e à fé, e que domina fulgurantemente o Universo; 2.º que a ciência é o reconhecimento definido, preciso, de múltiplas realidades mais modestas, mais fragmentares, aliás também interessantes e úteis, que se verificam experimentalmente, patenteando-se à nossa indagação metódica, na existência quotidiana e no mundo de relações em que esta se desenrola.

Não temos a idolatria da Ciência, mas respeitamo-la e admiramo-la no seu esforço porfiado e útil através dos séculos. Bem sabemos que, para além do seu domínio, há um mundo imenso perante o qual ela confessa honestamente a sua ignorância. Apreciamos mais esta confissão do que a olímpica superioridade dos que tudo sabem ou tudo supõem saber, desdenhando do trabalho recatado, mas fecundo, dos laboratórios, e sorrindo perante as limitações naturais do conhecimento científico. Tem a Ciência aplicações nocivas, como as mortíferas na guerra? Não tem tido a Religião paladinos que com os seus crimes mais a prejudicam do que a servem? E não abundam duma e doutra os benefícios?

Mas fiquemos por aqui. Iamos abandonando os pontos iniciais do debate e esquecendo que estamos a escrever numa revista exclusivamente científica. Ora, se, como já afirmamos, nos pode interessar o que de alguns nossos estudos se diz noutros campos do pensamento, não temos o direito de modificar a atitude neutral, acconfessional, destas páginas em matéria religiosa. É a atitude do cientista como cientista. Nada proíbe, porém, que, como homem, êste seja também um crente. Pensamos mesmo que, numa visão integral do Universo, num conceito justo da finalidade da existên-

cia, o deve ser. Mas isto já não é para aqui. Escrevemo-lo apenas em resposta ao sr. dr. Valente e para todos os leitores que não detenham as suas curiosidades e os seus interesses mentais na zona fronteira entre o domínio científico e a especulação metafísica.

MENDES CORRÊA.

Semana cultural galega

De 31 de Março a 7 de Abril realizou-se no Porto a *Semana cultural galega* que decorreu com o maior brilho, tendo sido feitas pelos ilustres membros do Seminário de Estudos Galegos conferências na Universidade sôbre varios assuntos, as quais despertaram tôdas o mais vivo interesse na numerosa assistência que acorreu a ouvir-as.

D'entre os assuntos que serviram de tema aos conferentes, alguns houve que devem ficar arquivados nesta publicação por se referirem a assuntos de que a S. P. A. E. se ocupa.

Tais são as conferências pronunciadas pelos Srs.:

D. PAULINO PEDRET — «Saco e Arce e os estudos lingüísticos en Galiza no século XX».

D. AFONSO R. CASTELAO — «As cruces de pedra na Galiza».

D. RAMON OTERO PEDRAYO — «Terra e alma da Galiza».

D. XAQUIM LORENZO FERNANDEZ — «A arte popular nos xvgos da Galiza».

D. VICENTE RISCO — «Hipóteses e problemas do folklore galego e português».

D. FEDERICO MACINEIRA — «Las estaciones préhistóricas del Ortegal».

No dia 5 de Abril reuniu-se, no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências, a secção de Etnografia do Seminário de Estudos Galegos sob a presidência de D. Vicente Risco, tendo sido discutidos e aprovados planos de estudos a realizar.

Os ilustres hóspedes retiraram no dia 7 de Abril tendo no regresso visitado Braga e a sua cathedral, como do Pôrto haviam ido a Guimarães, Penha e Citânia de Briteiros, a convite da Sociedade Martins Sarmento, e ao Bussaco e Curia, a convite da Câmara Municipal do Pôrto.

Nas várias festas e sessões realizadas trocaram-se calorosas saudações entre os intelectuais galegos e os do Norte de Portugal.

Abade do Baçal

Bragança rendeu no dia 9 de Abril calorosa homenagem ao Rev. Francisco Manuel Alves, abade do Baçal, que, atingindo nesse dia o seu 70.º aniversário, era, por fôrça da lei, obrigado a abandonar a direcção do Museu Regional, função em que tão grandes serviços prestou. Foi inaugurado um monumento ao incansável investigador, realizou-se uma sessão solene, e houve outras cerimónias de consagração do venerando arqueólogo. Às homenagens prestadas por Bragança associaram-se o Govêrno, as Universidades, as Academias e sociedades científicas e numerosas individualidades em destaque de todo o país.

Em Lisboa, o Grémio de Trás-os-Montes efectuou também uma sessão solene em honra do seu ilustre conterrâneo.

O Govêrno, além de distinguir com a Ordem de S. Tiago o rev. abade do Baçal, resolveu dar o seu nome ao Museu de que êle foi prestante organizador.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia solidarizou-se expressamente com tão justas homenagens.

Rui de Serpa Pinto

O 2.º aniversário do falecimento do nosso inditoso consócio foi comemorado em sessão da Sociedade. Por ocasião da Semana Cultural Galega, efectuada no Pôrto, o Seminário de Estudos Galegos realizou uma romagem ao jazigo do seu saudoso associado. O relato desta eloqüente homenagem foi feito nestes têrmos por um dos ilustres membros do Seminário presentes ao significativo acto:

«Despois de têr depositado a Señora do Presidente do Seminario de Estudos Galegos o ramo de froles sobor da campa de Rui de Serpa Pinto, o Sr. Fernández del Riego pronunciou un discurso na sua lembranza en nome da xeneración nova de Galicia.

Dirixiu un saúdo a Portugal xunguido a Galicia por unha forte aperta de séculos.

Adicou un saudoso recordo ao grande mozo, ilustre cientista e gran amigo da Galicia, morto prematuramente cando a sua obra ofrecía as máis ópimas colleitas, Rui de Serpa Pinto.

Dí que as froles sinxelas e cordiales que deixa caer sobor da

campa doce e conmovedora do esgrevio portugués, son froles da ialma nova da sua terra aromadas de noite, de infindo e de tremoroso augurio, como o espírito mesmo da sua raza.

Lembra os anseios do romantismo do pasado século que latexa no cerne da espiritualidade galaico-lusitana, propensa â forma lírica, ao arte do sentimento, suxerida pol-a paisaxe que dicta emocións blandas e imaxinativas realidás. Antonio Nobre, Anthero de Quental e Guerra Junqueiro son o froito poético de Portugal. Eduardo Pondal, Rosalía de Castro e Curros Enríquez son o resultado anímico do romantismo galego.

O amoroso renacemento das duas Patrias, reinicia a xeira da compenetración que o meioevo plasmara na inclita obra dos cancioeiros.

Agora o coñecimento mutuo dos dous pobos irmáns vibra en ares de branco rexurdimento. E dista laboura de amor e de compenetración fora Rui de Serpa Pinto un dos máis firmes esteos. A sua morte chorada sempre foi unha perda consideravel para Portugal e Galicia, por a sua obra perdura e o seu espírito sigue aletexando antre nós, coma proel e coma guieiro inmorredoiro.

A morte arrebatou a Galicia xente nova, espranzadora. Poetas exquisitos: Amado Carballo e Manuel Antonio. Filósofos de fina sensibilidade: Xohán Vicente Viqueira. E cientistas destacados: Xurxo Lourenzo. A morte, tamén, quixo levarse cruel ao noso grande amigo e benquerido irmán: Rui de Serpa Pinto. Él era mozo, amante coma poucos do cultivo das ciencias. Brilantísimo traballador en múltiples eidos da cultura e dunha bondade suma e un fervor de ergueita espiritualidade. Coa sua morte perdeu tanto Portugal, coma Galicia. Pra él un agarimo de irmáns, prâ sua lembranza unha oración saudosa».